



NA MATINÉE A BORDO DO «BENJAMIN CONSTANT»

(Cliché Benoli)

N.º 354 Lisboa, 2 de Dezembro de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 46800—Semestre, 23400—Trimestre, 15200

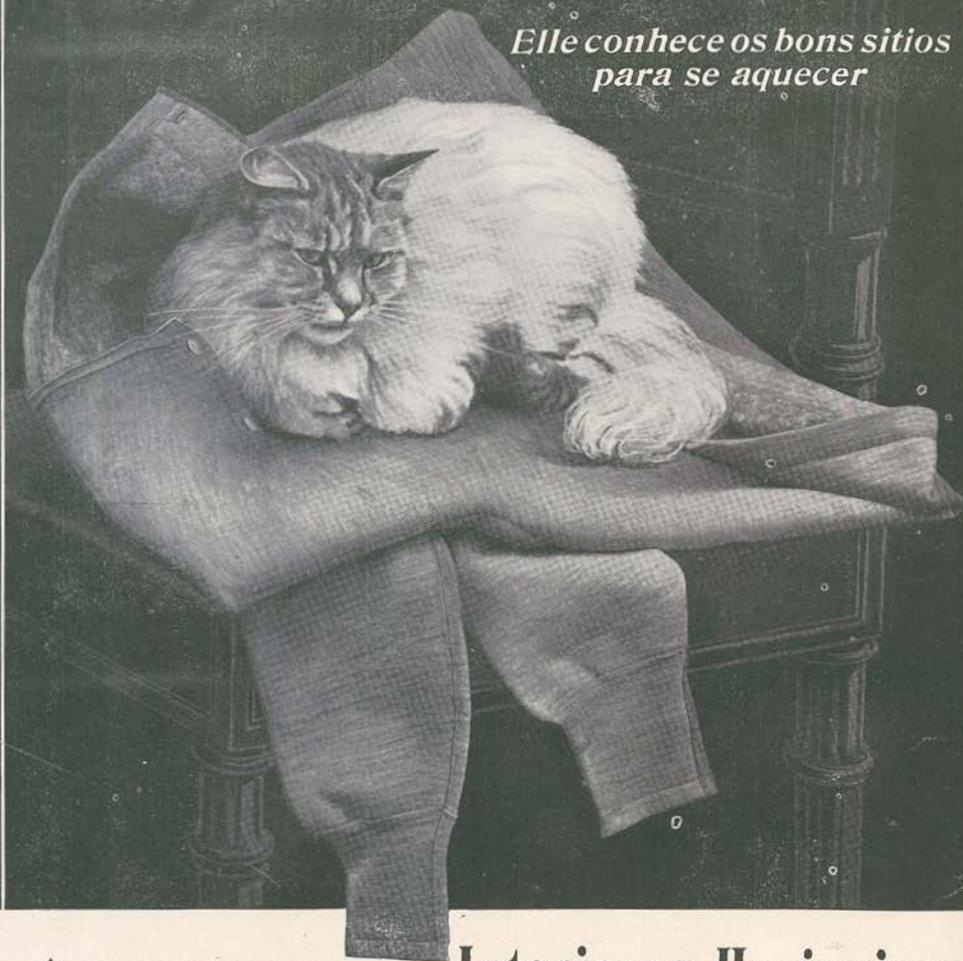
Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Com-
posição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

*Elle conhece os bons sitios
para se aquecer*



As roupas Interiores Hygienicas
em lã e Uata de Turba

do Doutor **RASUREL**
preservam dos RESFRIAMENTOS
e do RHEUMATISMO,

Casa PITTA, 195 Augusta 197, LISBOA.

Uma Viagem pelo Suez

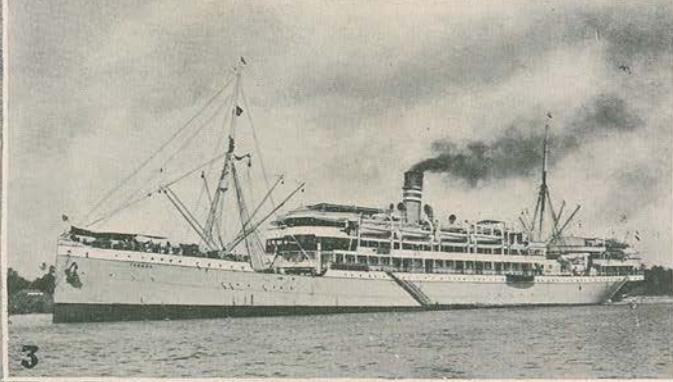
A vida a bordo



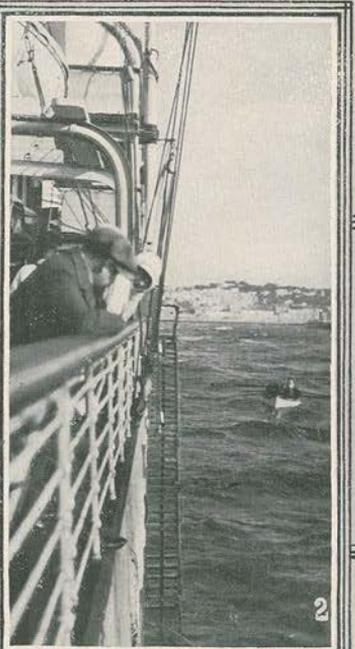
Longe já vai o tempo em que, quando uma pessoa tinha a triste idéia de embarcar, era com as lágrimas nos olhos e o luto no coração que dizia adeus aos parentes e amigos, apinhados no caes em chorosa despedida. Hoje faz-se com mais facilidade e comodidade uma viagem á volta do mundo do que os nossos avós a faziam de Lisboa a Coimbra ou ao Porto. As viagens eram então longas, cortadas de incidentes desagradáveis de toda a especie e precedidas do ato testamentario, ditando-se-lhe ainda um codicillo do estribo do cavallo ou da mala posta. Só *in extremis* se viajava.

Hoje todo o mundo viaja por *sport*, e as grandes companhias de navegação batem á porfia o *record* da velocidade e esmeram-se para que os seus passageiros tenham as comodidades e distrações compatíveis com as suas posses e posições sociaes.

A travessia para New-York faz-se em 5 dias, e n'esta linha ha vapores onde os diversos *reis* americanos encontram o luxo, o conforto, que não lhes deixa saudades dos seus ricos palacios. Os grandes barcos da *Castle Mail*, galgam a enorme distancia de Londres a Cap Town em 17 dias; os das *Messageries Maritimes* em 22 dias estão na Oceania, e os da *Deutche Ost-Afrika-Linie*



1—A' saída de Tanger: o mar encapelado. 2—A bordo: conversação amena. 3—O vapor 'Tabora'.



alcançam a nossa costa Oriental em 27 dias, tendo tocado em Tanger, Marselha, Napoles, Port-Saïd, Suez, Aden, Mombaça, Dasselam e Zanzibar.

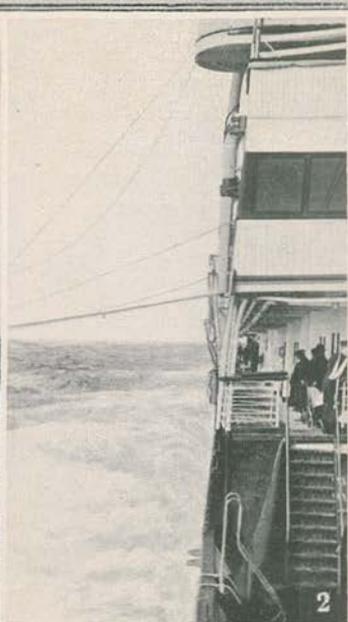
O *Tabora* é o barco mais moderno da ultima empreza, e esta a segunda viagem que faz. Tem 8500 toneladas. Nos seus *decks*, largos e espaçosos, passeia-se mais comodamente que nos *trottoirs* da rua do Ouro; o *hall*, o salão de jantar, o salão das senhoras, o *bar*, é tudo em estilo moderno, luxuoso mas simples, d'uma simplicidade rica, elegante e encantadora. Os seus porões vão abarrotados de carga para a costa ingleza e alemã, e as suas tres classes cheias de passageiros, cerca de 400, ingleses, alemães e portugueses que, como nós, preferem a viagem pelo canal á viagem feita pelo Cabo. A vida de bordo, já descrita por tantas e tão variadas penas, é algo insipida, enquanto se não relacionam os passageiros. Passados dois ou tres dias, todos



1—A descida em Marselha. 2—O «Tabora» fundeado em Tanger. 3—Assistindo á chegada d'um escaler.

se falam como se fossem velhos conhecidos. Formam-se grupos mais ou menos íntimos, discute-se, trocam-se impressões, e à tarde, no *bar*, toma-se uma cerveja ou *whisky* e joga-se uma partida de *bleuf* ou de *bridgi*. As senhoras tocam, cantam, lêem, e à noite dançam no *deech*, ao som

barco, como se ela fosse a imagem do deslizar sereno da sua lua de mel: ali um inglês, fazendo o seu *flirt*, para passar o tempo; além um casal francês, passeando socegradamente, como se o fizessen n'um *dostrotoirs* dos *boulevards* de Paris. E nós, como bons portugueses, enquanto olha-



1—As ondas encapeladas contra o costado do "Tabora" do magnífico sexteto de bordo. E, ao pôr do sol, quem como nós tiver um pouco de observador, poderá ver nos sítios mais isolados, fugidos aos olhares curiosos, aqui, encostados á amurada, uns noivos alemães, todos embevecidos na esteira do
2—Vista tirada da me.a nau para a ré. 3—Diante do mar mos para tudo isto, pensamos nas pessoas queridas, de que nos vamos distanciando cada vez mais até que o *Tabora* nos deixe em Quelimane, onde de novo nos entregaremos nos braços vivificantes do trabalho. *Gavicho de Lacerda.*

A guerra dos Balkans

Ha na Roma de Zola a *contessina* que morre nos braços do príncipe Bocanera a sintetisar a cidade das paixões; pois uma alta dama turca — a princeza Zekkie, — esposa d'um oficial superior do exercito — pôde bem simbolisar a Turquia derrotada e que apelará para os seus extremos.

A princeza, a cada noticia da derrota, caía n'um abatimento dia a dia maior, co'no se todo o sangue que os seus compatriotas perdiam fugisse do seu lindo corpo de mulher. Depois do combate de Lule Burgas a nervosidade da princeza chegou ao extremo; o seu desespero foi sem limites e resolveu não sobreviver á derrota inevitavel da sua patria. No pateo do seu palacio mandou amontoar lenha que adornou com flôres e tapetes. Depois ficou durante horas n'um mudo extasi, rezando, até que acendeu essa montanha, de que fez um espantoso brazeiro, onde se lançou heroicamente diante dos seus servos impotentes para a salvar.

Será assim o fim da Turquia da Europa que os povos balkanicos assolam e parece quererem obrigar a abandonar o seu logar á beira das aguas europeas para definitivamente se fixar na Asia? ...

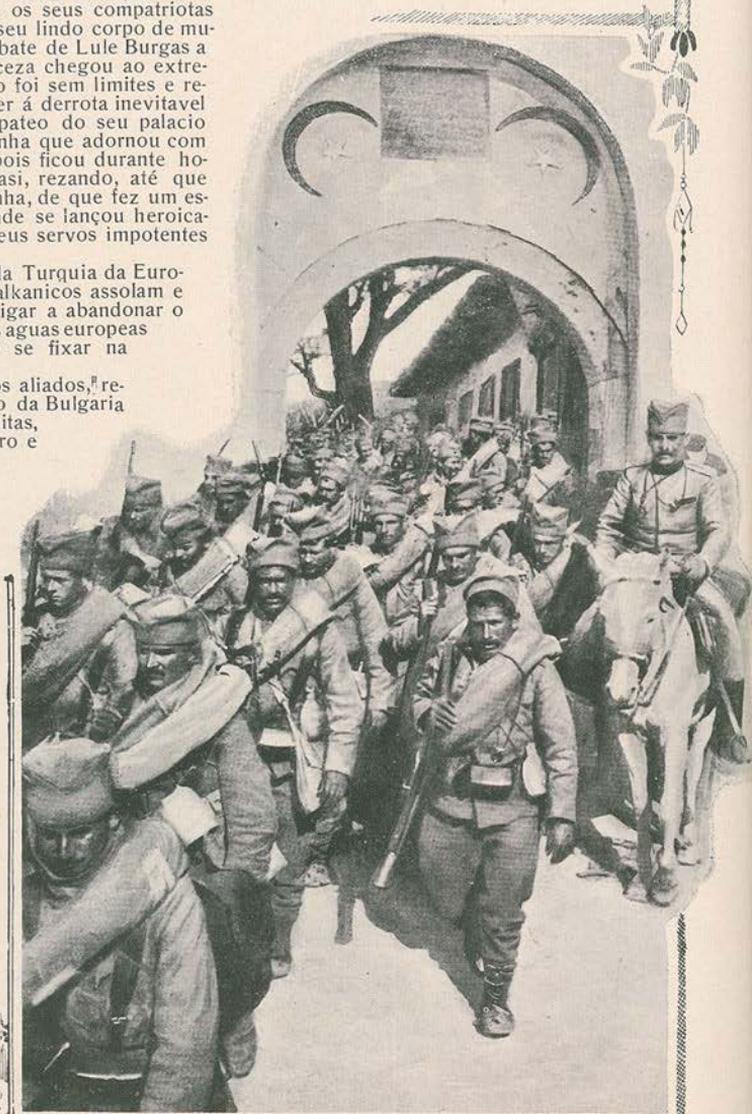
Diante dos exercitos aliados, receando vêr Fernando da Bulgaria entrar nas suas mesquitas, a cavalo, com o scetro e o manto imperiaes, a coroar-se sob o titulo poderoso de Semião II, os turcos lançariam fogo aos quatro angulos da sua capital e pereceram em grande parte com ella? Enquanto ruiariam os miranetes, as chamas correriam extranhas a refletirem-se no Bosphoro, de que fariam um lago cal deante?!

O exemplo já se dera em Moscôu diante das hostes de Napoleão I. D'esta vez, porém, a Europa será ainda intermediaria e Fernando da Bulgar a não arastará o manto imperial nas naves de Santa Sofia.

Os povos balkanicos limitam-se a exigir o seguinte:

— Que os

turcos deixem as linhas de Tchataldja; a declaração formal de não concentrarem mais tropas; o reconhecimento de cessão das cidades tomadas e que são Andrinopla, Scutari, Janina, Dilva, ao noroeste de Monastir, e sem duvida tambem Durazzo, no Adriatico. Estas condições são duras, mas todas as cidades de que se fala



O primeiro destacamento servio que entrou na praça de Uskub



Um comboio de soldados turcos aprisionado pelos búlgaros perto de Andrinopla. (Glicé des Archives du Miroir).



Depois do assalto servio a Uskub: Uma familia turca que foge.
(Composição de Gaspar Teles sobre documentos fotograficos obtidos no local dos acontecimentos.)



Os soldados da guarda da bandeira turca, depois da derrota de Lule Burgas.

parecem em condições de jámais voltarem ao domínio turco sem um completo reviramento das vitorias. Por es-

te preço só eles guardarão a sua cidade santa, a sua Constantinopla onde o tzar bulgaro não se coroará. D'outro



1—A vila e porto de Durazo, um dos tres portos do Adriatico onde a Servia deseja estabelecer-se

modo terão que a incendiar, de fugir para a Asia e não se contará mais a Turquia como potencia da Europa. O sultão passará a ser um principe asiatico; a patria turca regressará ao que foi ha muitos seculos e jámais volverá ás epopeas do seu passado. Isso não sucederá porém. Eles quererão guardar a cidade santa.



2—O rei Pedro I recebido em Uskub pelo principe herdeiro Alexandre comandante do victorioso exercito de Kumanovo. 3—A cidade de Rodosta.—(Clichés Archives du Miroir)



1—A rua em Constantinopla: armas, bagagens e munições. (Cliché Chusseau Flaviens)
2—A igreja búlgara e no alto a escola grega de Constantinopla. (Cliché Archéves du Miroir)

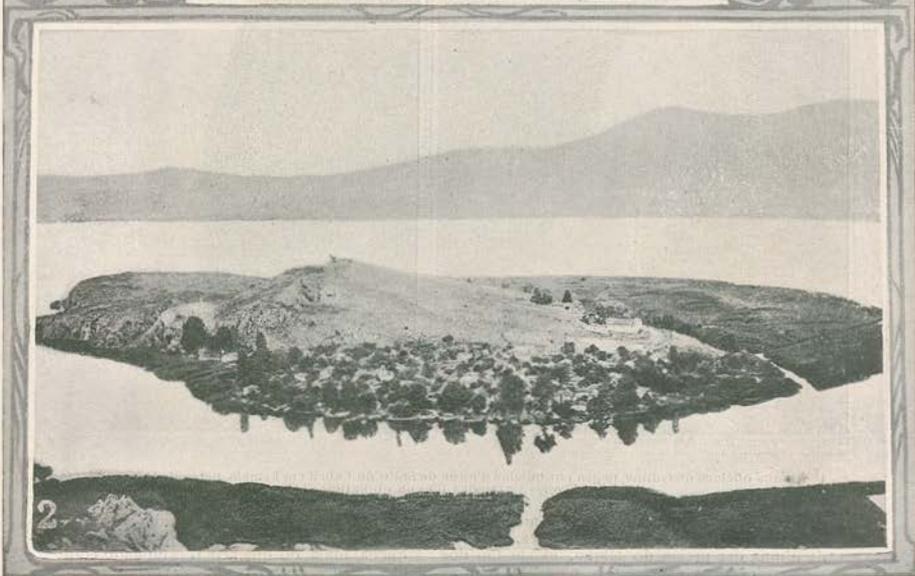
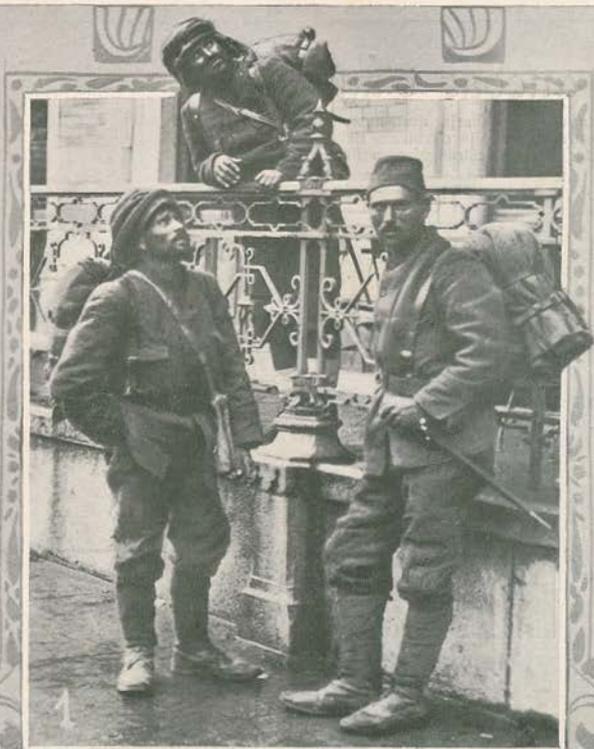


1—O inimigo avança sempre; não se prende com o armistício solicitado e assim os servios conquistam bravamente o caminho de Durazzo, o apetecido porto sobre o Adriatico, o seu sonho, a sua ambição. Sem ele não mais terão a ambicionada vi-

da e tudo preferem a essa renuncia desoladora. Mas Constantinopla vai-se sempre defendendo; os canhões chegam para artilhar as suas velhas muralhas e a imprensa europeia diz que o czar Fernando é muito habil para arremeçar vinte mil homens que lhe são caros contra a cidade santa só pelo prazer de lá entrar a cavalo, pois sabe que não a poderá guardar.



2—Os efeitos dos obuzes bulgaros nas aldeias visinhas d'Andrinopla. (Cliché Archives du Miroir.)



1—Soldados turcos analisando o voo de um aeroplano bulgaro que devia cair tempo depois causando a morte do aviador.
 2—A ilha de Janina tomada pelos exercitos aliados (Clichés dos Archives du Miroir)

As quedas d'agua do Salto do Cabril

O portuguez que deseja descançar, reunidos os cobres, aproveita os mezes das ferias para abalar para o estrangeiro, a banhar-se

quedas de agua, despenhando-se n'um declive de mais de 300 metros, entre um corte de montanha, que é uma raridade geologica, a par d'um



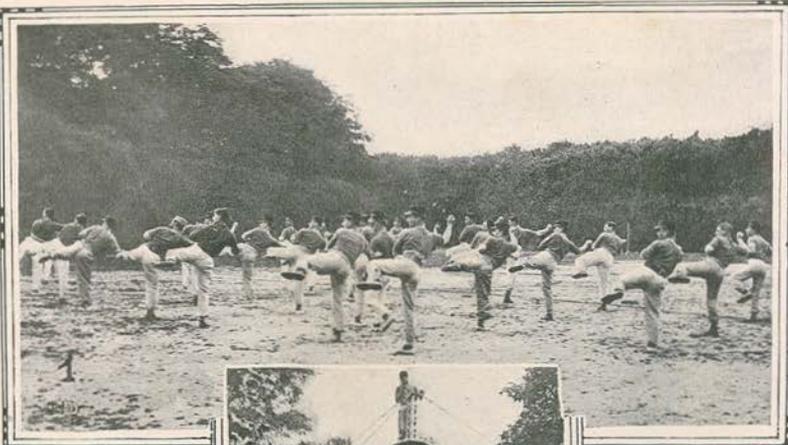
1—Alguns officiaes da columna negra nas quedas d'agua do Salto do Cabril em Ermelo, perto de Mondim de Basto.
2 e 3—As quedas d'agua do Salto do Cabril.

de civilização e beleza, ignora, certamente, que na nossa provincia de Traz-os-Montes, escondida n'uma das prezas do Marão, existe um dos mais pitorescos espetaculos naturaes que se possa contemplar. Dizemos isto porque não se topa a cada passo com o assombro de nove

encantador e selvatico panorama. As fotografias que acompanham estas linhas dão uma pequena ideia do que seja o estupendo conjunto das quedas, que tão poucos conhecem, apesar da sua extraordinaria beleza.

(Clichés do padre sr. Manuel Ramos, de Viade)

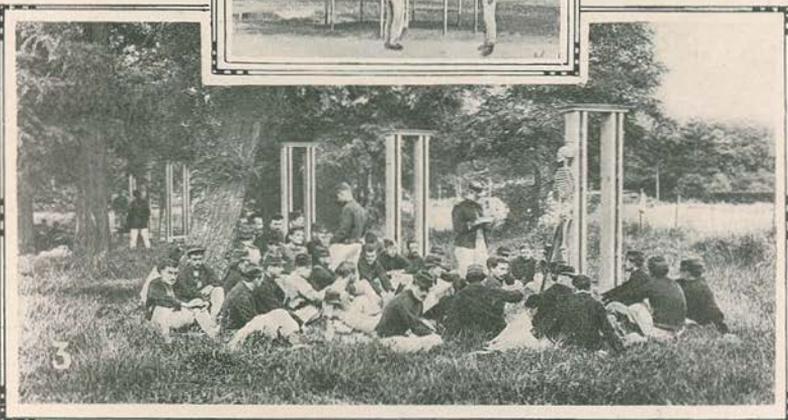
A Escola de Ginastica Militar de Joinville-le-Pont



N'esta ocasião em que está na ordem do dia a defeza nacional, tem grandissimo interesse a preparação do cidadão-soldado, obra d'uma importancia capital e decisiva para todos os povos que não queiram representar o papel de vencidos na grande luta que se prevê. Para se conseguir um bom exercito não basta possuir-se o material necessario e ministrar aos soldados uma solida instrução porque, como muito bem diz o medico militar francez André, «só os que oferecem sufficiente resistencia é que estão em



tras teriam ficado exaustas, estas passam como uma avalanche que arrasta tudo na sua passagem: são assim as tropas de *élite* e as suas qualidades devem-nas á cultura fisica.» E' preciso notar que estas palavras não representam uma opinião isolada mas sim o modo de pensar dos dirigentes do exercito francez, que cada vez cuidam com mais interesse da sua escola de ginastica militar de Joinville-le-Pont, não se poupando a nenhuns sacrificios para a aperfeicoar constantemente e que já pensam em crear



1—Conjunto de box. 2—O octogno na ginastica de seleção. 3—Uma repetição de anatomia.

boas condições para a receber» e acrescenta: «com tropas treïnadas nos exercicios fisicos os obstaculos que parecem insuperaveis são vencidos; onde quaesquer ou-

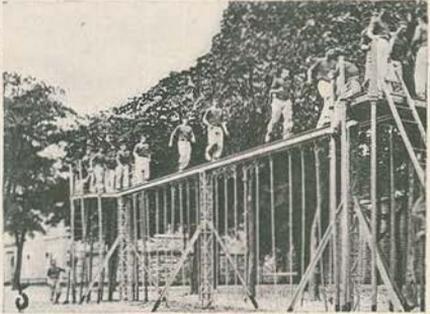
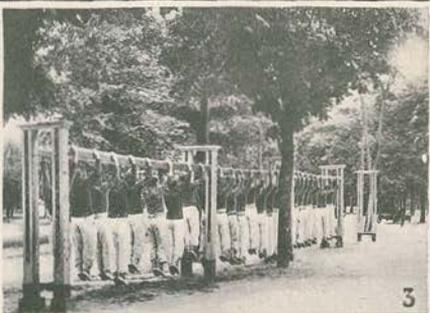
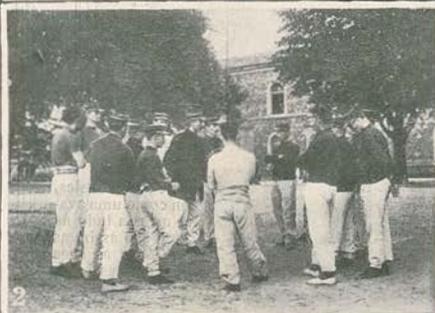
novas escolas que difundam ainda mais o ensino da educação fisica. O portuguez possui condições para dar um excelente soldado, mas estas de nada lhe valerão se

não forem cultivadas. Os povos que adormecem sobre a lenda das suas qualidades guerreiras e não tratam de tirar partido d'elas estão sujeitos a dis-sabores como os que a França sofreu em 1870. A regeneração da raça alemã, diz o coronel Costa, foi devida á ação da ginastica e dos exercicios ao ar livre, preconisados por Jahn ao mesmo tempo que pregava a necessidade da desforra. Foi esta a razão fundamental do seu triunfo.» Esta esco-



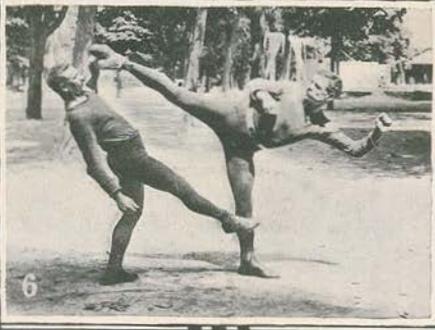
multo a miudo, os resultados são admiraveis e é fóra de duvida que, com a lei atual que obriga todos os professores primarios a frequentar Joinville, durante o seu período de serviço militar, a escola representa um papel importantissimo como agente precioso do aperfeicoamento do exercito e do revigoramento da raça.

O illustre medico do nosso exercito, sr. dr. Moraes Man-



2— A critica dos trabalhos.
4—Assalto de lu'a.

la ministra aos seus alunos instrução teorica e pratica; nenhum sae d'ali sem os conhecimentos indispensaveis de anatomia, fisiologia, hygiene e pedagogia. Apesar da instabilidade da direção, que varia



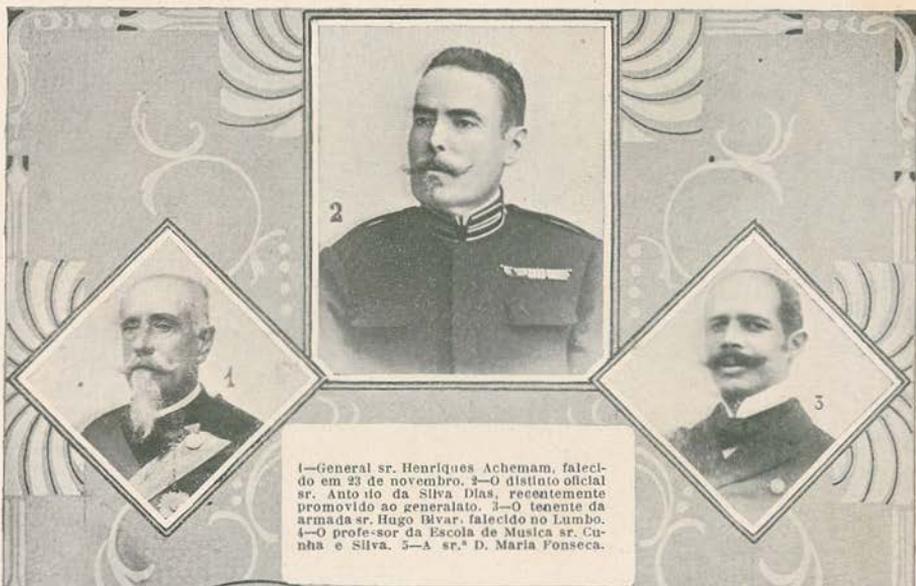
3—Ginastica educativa.
5— Ginastica d'applicação.

chego, demorou-se algum tempo n'essa escola, d'onde trouxe um ensinamento completo, ao analisar, com todo o entusiasmo que dedica aos taes exercicios, a educação fisica do exercito francez.

1—Sr. dr. Moraes Mancho, illustre medico militar portuguez, que visitou Joinville le Pont.
6—Assalto de box francez.



FIGURAS E FACTOS



1—General sr. Henriques Achemam, falecido em 23 de novembro. 2—O distinto official sr. António da Silva Dias, recentemente promovido ao generalato. 3—O tenente da armada sr. Hugo Bivar, falecido no Lumbo. 4—O professor da Escola de Musica sr. Cunha e Silva. 5—A sr.ª D. Maria Fonseca.



O professor de violoncelo no Conservatorio de Lisboa, sr. João da Cunha e Silva, que todos nós apreciamos como um dos nossos artistas de maior talento, teve mais uma brilhante consagração no estrangeiro. Uma das suas muitas discipulas, a menina Maria Julia Fontes da Fonseca, que ainda ha pouco tempo foi applaudidissima n'um concerto no salão da *Ilustração Portuguesa*, saiu classificada em primeiro logar no concurso em que entrou para admisión ao Conservatorio de Bruxelas, onde se vae aperfeiçoar no estudo do violoncelo.

Não é caso muito vulgar semelhante triumpho e por isso o registamos com patriótico orgulho.



O duelo Granjo — Alvaro de Castro

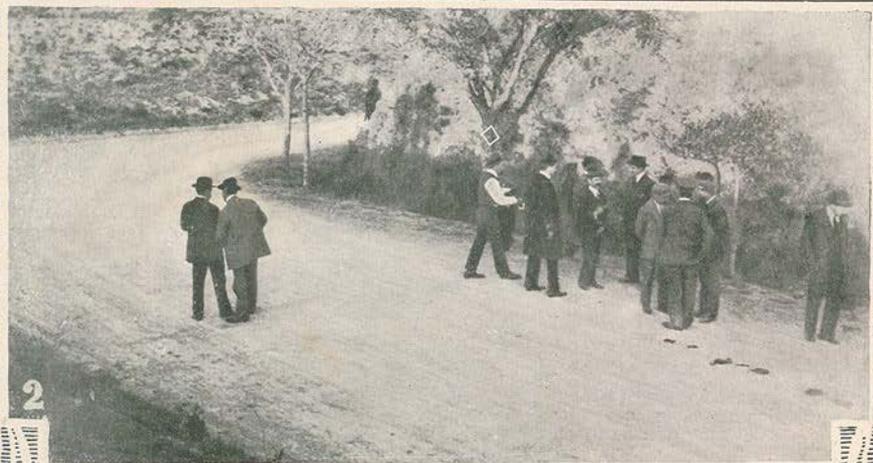


Em virtude d'uma polemica jornalística acêrca dos Jovens Turcos Portuguezes a quem o sr. dr. Antonio Granjo atribuia um papel preponderante no exercito e que o sr. dr. Alvaro de Castro dizia serem apenas elementos organizadores da defeza nacional, realisou-se um duelo ao sabre entre os dois polemistas.

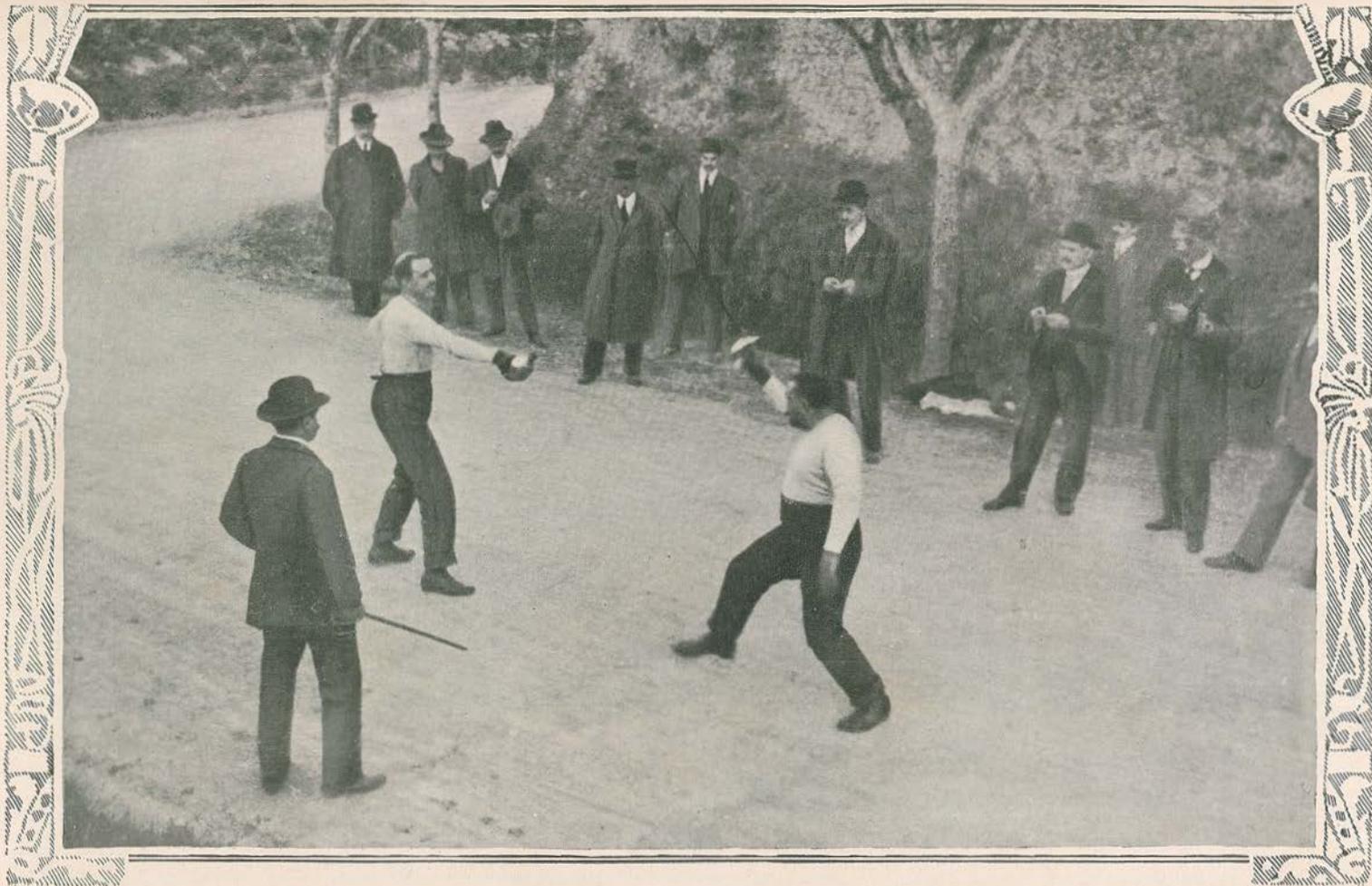
Foi na estrada militar que se deu o encontro de que resultou o sr. dr. Antonio Granjo ficar ferido na face direita.

Ambos os contendores se houveram valentemente nos sete successivos assaltos que terminaram em vista do juiz do campo, sr. Veiga Ventura, declarar haver falta de luz.

As testemunhas do sr. dr. Antonio Granjo foram os srs. drs. Julio Martins e Vasconcelos e Sá e do sr. dr. Alvaro de Castro os srs. major Sá Cardozo e capitão Pope e medicos srs. drs. Branco Gentil e Tedeschi. Os duelistas não se reconciliaram.



1—O juiz de campo sr. Veiga Ventura lendo as condições do duelo aos dois adversarios. Junto do sr. dr. Antonio Granjo os srs. drs. Julio Martins e Vasconcelos e Sá suas testemunhas, majores Sá Cardozo e capitão Pope padrinhos do sr. Alvaro de Castro. Os outros dois personagens são os medicos srs. drs. Branco Gentil e Tedeschi. Ao fundo os reporters. 2—No campo do duelo: O dr. Antonio Granjo ◊ despindo-se antes do combate. Ao meio da estrada militar: os srs. dr. Julio Martins e o juiz de campo.



Na estrada militar: uma das fases do duelo. De costas voltadas para o talude o sr. dr. Alvaro de Castro em frente do sr. dr. Antonio Granjo. Diante dos adversarios o juiz do campo, sr. Veiga Ventura. Ao fundo, da direita para a esquerda, os srs. dr. Vasconcelos e Sá, major Sá Cardoso e Alvaro Pope. No extremo os srs. drs. Tedeschi e Branco Gentil. (Clichê do sr. Sousa Magalhães).

ESTRELAS DE PARIS

GABY BOISSY — MISTINGUETT —
SPINELLY



1— Mademoiselle Spinnelly, n'uma revista dos Capucines.
(Cliché Boyer 2— Mademoiselle Gaby Boissy. (Cliché Relos)

Ora a respeito de *estrelas*, mr. Albert Flament escreveu em tempos uma crônica, d'uma parte da qual se me afigura bem cabida aqui a tradução. Ela aí vae:

A comediante é a rainha de Paris entre dezembro e março. Desde abril a vida mundana com tamanha impetuosidade recomeça que a comediante cede á *femme du monde* o seu logar.

Uma noite d'estas, estando no camarim d'uma *estrela*, pedi-lhe uma confissão.

«Pois bem, já que o senhor quer conhecer os segredos d'uma *estrela*, já que ruidosas discussões entre certos diretores e os seus interpretes lhe parecem dar mais atualidade á minha pessoa, se bem que o principal talento d'uma *estrela* deva ser antes de tudo estar sempre na atualidade, escute o que vou dizer-lhe. Interrogar-me-á depois.

«Antes de mais nada, é preciso, é preciso que saiba que nós somos insuportáveis. O senhor sorri? Não quer acreditar? Faz mal. A minha confissão outro interesse não tem senão o de ser sincera e eu digo-lhe ingenuamente que somos insuportáveis, deliciosamente, com genio, com todos os dons que lhe aprouver, mas insuportáveis.

«Insuportáveis, ambicio as e mesmo ciumentas; sim



senhor, ciumentas! E que remédio senão sel-o! Ciosas do nosso prestígio, da nossa supre-

macia, ciosas de tudo, compreendem o senhor? Porque nada mais perigoso do que sustentar o nosso papel. Espreitam-nos, espionam-nos sem treguas; não nos é permitido um instante de desfalcatamento nem de canção; somos nós quem faz a receita. Fazer receitas tudo! Uma tal responsabilidade tem seus momentos agradáveis: o maior de todos é, como o senhor muito bem imagina, aquele em que verificamos que, nas noites em que não tomamos parte no espectáculo, a metade da sala está ás moscas!

Quando não temos papel n'uma peça, quando os autores são bastante infelizes para dispensarem o nosso concurso, a coisa nunca vai além de quinze representações, e essas mesmas sabe Deus!

As narinas da estrela dilatam-se com uma especie de volúpia ao pensar que, sem ela, nenhuma peça consegue hoje virar. Os seus cabelos estavam esparsos em torno

da fronte. Sob a camada tenue de pó, a animação corava de rosa as suas faces. Era preciso ser d'uma perspicacia bem audaz para reconhecer da beira das pestanas o traço imperceptível do pincel... O pé dansava n'uma chinela... As mãos finas e nervosas brincavam com as borlas das almofadas ou perdiam-se no penteado para dar mais leveza ás ondulações. Perto das fontes dir-se-ia bem que os cabelos tinham raízes mais

sombrias. Mas era talvez um efeito da sombra...

...Continuou: «Um teatro que possui uma estrela pouco se preocupa com as qualidades dos autores e com o merito das suas obras. O que nós acima de tudo consideramos é o papel feito para nós.

«Mas ser estrela, continuo a e la, olhando-me de perto com uma vaga tristeza, é não poder perder a sua saca de mão nem quebrar um bibelot das suas vitrines sem que o universo inteiro logo o saiba, não ir ao dentista sem que logo os jornais entoem novas e lamentações! E viajar sobre tapetes de flores que fazem dores de cabeça, ver o seu landau purgado por admiradores frenéticos que nos põem os ossos em risco vinte vezes e por fim nos fazem perder o comboio...

«E depois, e depois, após as aclamações, após os feticios en cantamentos das primaveras de tela pintada; os mares tão azues que nos ficam marcados nos dedos quando os apontamos cantando a alegria de viver; os poentes que maquinismos perfectos conduzem rapidamente ao ponto de penumbra cor de rosa que sugere as declarações, os encontros misteriosos, as confis-

sões suspiradas através d'un veu; após os bravos, as chamadas, as mãos estendidas, os principes que nos aclamaram; é o silencio do nosso quarto, por vezes um quarto d'hotel, é a vida solitaria, errante, aos solavancos, que confia á noite as suas misérias, á sua desordem, as suas penas...

«A noite! As velas e os candieiros que mentem menos que as luzes destlumbantes das ri-



Mademoiselle Mistinguett em «Le Bonheur sous la Main» (Cliché Ibert)

baltia e que nos dizem quando, a miséria e a febre nos fazem aproximar d'um espelho... Toma cuidado, toma cuidado, amanhã terás perdido a frescura, amanhã mostrarás de subito a tua idade... Amanhã, o publico dará fé de que ha vinte anos tu te mostras nos patcos...

«A nossa mão treme, os nossos labios descórados sopram a vela, e, com a cabeça ainda cheia das aclamações, vamos re-adormecer na sombra da noite, envelhecidas—rugas—talvez—até ao despertar...»

Não chegou ainda — nem chegará tão cedo — á altura da vida em que se fazem essas considerações melancolicas a principal interprete d'uma alegre opereta — *Le Voile d'Amour* — que, com exito, se tem representado no novo Théâtre Impérial. Não porque lhe falte ainda



pensar-me-ão perante os leitores de falguma coisa me permitir dizer-lhes sobre o juvenil encanto d'essa boca de mulher moça e sobre a doçura ingenuamente libertina (passe o paradoxo) d'esse formoso olhar. Mas dir-lhes-ei, com tudo, que mademoiselle Boissy representa com muito talento e canta à ravor.

Ma demoiselle Mistinguett—hoje a estrela da conhecida, sumptuosa, repetida, arquiadmirada revista das Folies-Bérgere—é um *enfant gâté* do publico parisiense. A sua fantasia, o seu espirito, o cunho bem pessoal que sabe dar ás suas creações, tanto na revista, como na opereta, como na comedia, conquistaram-lhe um logar primacial, estrela de primeira grandeza no mais constellado ceu teatral do universo.



a gloria, mas porque lhe sobeja a mocidade. Mademoiselle Gaby Boissy é, sem duvida, uma das primeiras cantoras e atrizes de opereta parisienses. Uma das primeiras é tambem — o que não deixa de ser bem importante — uma das mais lindas. As fotografias com que a *Ilustração* por certo não deixará de acompanhar este ligeiro artigo, dis-

Outro dia, um redator do *Je sais tout* perguntou-lhe qual o seu segredo de divertir o publico. «Eu não sei como faço rir—respondeu ella.— Nenhum artista pôde saber porque exerce uma influencia comica sobre o publico. São as coisas que mais nos parecem cheias de efeitos nos ensaios que menos dão nas representações: e são, ao



1



2



3

contrário as coisas com as quaes se não conta que provocam a hilariedade. E' assim ainda que o que diverte o publico do ensaio geral deixa de todo indiferente o publico pagante e vice-versa. Para mim, eu faço rir quando a cena me diverte. Se eu representasse sem entusiasmo, sem sinceridade, parece-me que seria sinistra. O criterio do riso no teatro é bem difficil de definir. Ele depende, além do temperamento do artista, de circunstancias que eu sou incapaz de precisar.

Quanto a mademoiselle Spinely, eu já li no *Temps* que as suas pernas são das mais lindas de Paris. Essa informação, um pouco libertina, jámais eu ousaria dal-a aos leitores da *Illustração Portugueza* sem a égide do mais severo, do mais circumspecto dos órgãos da imprensa parisiense. Tal fama que aureóla os órgãos locomotores da gentil artista (que—digase em verdade— não comete geralmente a crueldade de escondel-os á admirração das

multidões) atira porém para a sombra d'um segundo plano o seu talento de comediante, —o que é injusto. Mademoiselle Spinely, atriz de comedia de vez em quando, estrela de *music-hall* mais geralmente, é uma creaturinha *mignonne*, de negros olhos vivos, uma boquinha feita para servir de troça, um nariz de desafio, uma graça saltitante, ligeira, maliciosa, uma graça muito d'esta terra, muito d'este tempo e que eu compararia á espuma do Champagne, se não tivesse medo de não ser original. O seu *charme*, a sedução, já registada, do seu *maillot* de seda, a sua fantasia sempre feliz, a sua vivacidade muito espontanea, a sua autentica e tripla vocação de *disense*, de danarina e de comediante, fazem-na muito justamente um idolo dos bons *gourmets* da arte, n'esta metropole do prazer.—R. DE CHAVES.



Spinely en «Le Bonheur sous la main»



5



6

Gaby Bolssy

1—Mademoiselle Mistinguette. (Cliché Talbot) 2—Mademoiselle Mistinguette. (Cliché de Je sais tout) 3—Mademoiselle Spinely (Cliché Manuel) 4—Mademoiselle Spinely en «Le Bonheur sous la main.» (Cliché Felix) 5—Mademoiselle Gaby Bolssy. (Cliché Felix) 6—Mademoiselle Gaby Bolssy no «Volle d'Amour» (Cliché Manuel) 7—Mademoiselle Spinely quadro de René Carrère.

O almoço a bordo do BENJAMIM CONSTANT

A officialidade do *Benjamim Constant* ofereceu um almoço ao chefe do Estado, para o qual foi também convidado, o corpo diplomático, os ministros da guerra e dos estrangeiros e vários altos funcionários da Republica.

A' tarde, depois da saída do Presidente da Republica, realizou-se uma esplendida festa a bordo, á qual concorreram

formosas damas da nossa sociedade elegante.

No portaló do navio os officiaes recebiam gentilmente os convidados, que se dirigiam para o tombadilho da pópa, onde estavam entrelaçadas nos toldos bandeiras portuguezas e brazileiras.

Em volta do navio uma flotilha do Club Naval andou circundando, soltando-se muitos



1—Senhoras entrando a bordo do navio brasileiro onde se ia realizar a «matinée»
2—A despedida do chefe do Estado no portaló do navio.

algumas das mais gentis senhoras da colonia brasileira e muitas das mais

vivas ao Brazil. Decorreu lindamente essa festa que deixou uma viva impres-

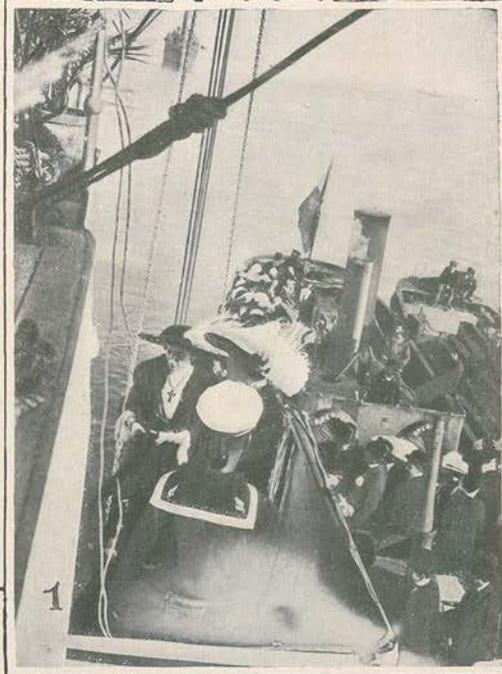
são d'afectuosidade entre os convidados e os

seus amfitriões.

A Associação Commercial de Lisboa quiz tambem solemisar d'uma maneira perduravel a visita do esplendido barco de guerra pelo aniversario da Republica Brasileira e mandou fazer uma artistica amfora de prata, que foi entregue durante a festa ao comandante do *Benjamin Constant*.

E' um belo objeto em estilo manuelino que tem na tampa moedas brasileiras e uma linha cheia de suavidade e elegancia.

Junto com a amfora foi tambem entregue um officio no qual a Associação Commercial mostrava todo o seu entusiasmo pela estada no Tejo d'esse navio, onde vinha



uma parte da juventude brasileira que se dedica á vida da marinha no seu paiz.

A co'õnia hespanhola residente em Lisboa tambem ofereceu uma festa aos officiaes do navio-escola, havendo um animado baile que terminou de madrugada.

Por todos os modos se procurou agradar aos nossos hospedes, tornando-lhe menos penosa a distancia a que estavam da sua patria d'onde ha muitos mezes viviam ausentes e sebuscou suprir com as nossas manifestações de carinho os afetos de que estavam privados.

Depois d'uma visita á Escola-Oficina onde, se ensina por um metodo racional e na qual os officiaes foram condizantemente recebidos, houve ainda outras homenagens como a do grupo *Pró Patria* que, certamente, lhes foram gratas.

O *Benjamin Constant* saiu do Tejo em 26 de novembro, com escala por S. Vicente de Cabo Verde, em direção a Pernambuco.

1—O vapor «Operario» do Arsenal de Marinha, atracando ao «Benjamin Constant», onde conduziu os convidados. 2—No portaló do «Benjamin Constant» a despedida. (Clichés Benollet).

NO LICEU PASSOS MANUEL

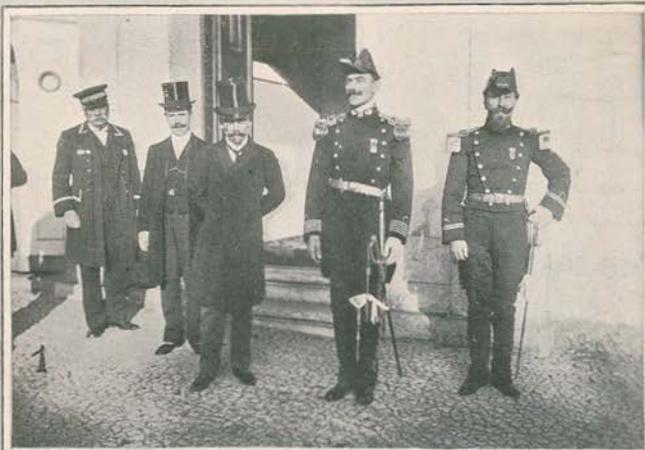


1—A officialidade no Liceu Passos Manuel onde foi alvo d'uma grande manifestação dos alunos.



2—Os alunos do Liceu Passos Manuel com os officiaes do «Benjamin Constant»

· BENJAMIN CONSTANT · NO TEJO ·



1—O comandante do «Benjamin Constant» com o seu ajudante, o ministro do Brazil e o secretario da legação, sr. Veloso Rebelo, depois da visita de agradecimento ao presidente da Republica. 2—A visita dos officiaes brazileiros á Faculdade de Ciencias: no meio do grupo o lente sr. Almeida Lima. 3—A visita dos officiaes á Imprensa Nacional com o director do estabelecimento sr. Luiz Derouet e o sr. Gregorio Fernandes, um dos empregados superiores da Imprensa.

A APANHADA AZEITONA

Nos dias de morna suavidade que ora vão correndo, é um verdadeiro encanto ir de longada até aos nossos campos, onde, pelo entardecer, o sol se difunde em tenues polvilhos de ouro, para se conhecer *de visu* a faina alegre e interessante da apanha da azeitona, prestes a atingir o seu termo.

Pelos extensos olivais que o outono envolve n'uma carícia invejável, ranchos de formosas camponezas recolhem com afan, ao som das nostálgicas canções do seu torrão natal, aquele belo produto da Natureza, que tempos depois vemos transformado em finíssimo azeite, nas montanhas dos nossos armazéns de viveres.

Homens e mulheres, vendo-se-lhes estampada no semblante a alegria própria das almas rústicas e boas, lá vão trabalhando de sol a sol com um desprendimento que encanta, até ao dia em que, terminados os trabalhos, o patrão lhes proporcione os folguedos da respectiva adiata. É uma faina curiosíssima a chamada *safra da azeitona*, que, como quasi todos os labores agrícolas, tem para mim uma feição espiritual, um não sei quê de enternecedor, por não representar apenas um meio, mais o menos trabalhoso, de encher os cofres ao lavrador.

De Arabela até hoje, por quantas transformações não tem passado a oliveira e o seu produto imediato: o azeite! N'este estreito Portugal, foi sempre a região do sul a mais importante na produção oleica, bastando, certamente, para o atestar os bellos e extensos olivais da quinta da Alorna, da condessa da Junqueira, os imensos pargais da Golegã e Chamusca, e, en-



1—Itamo da paz, ramo da abundancia. 2—A' volta da apanha da azeitona. 3—O rabisco, tre muitos outros que bordam o vale do Tejo, os da Labruja, do marquez de Castelo Melhor, os da Povia, etc.

Passando ao sul, é bem conhecido o grande olival do rico lavrador José Maria dos Santos, em Moura, o de Altas Moras e outros. Na região de Vila Franca, propriamente dita, são notaveis os olivais do sr. Palha Blanco e a ex-

tensa linha de oliveiras que ornamenta os diques defensores das lezírias, e que são propriedade da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado.

Na charneca do Infantado, além Sorraia, procura atualmente a mesma Companhia valorisar uma extensa gleba com a área de 2.000 hectares, plantando-a de escolhidas variedades de oliveira, que, depois de completa, comportará 200.000 pés. Será este o maior olival do mundo, de que Portugal se poderá orgulhar, como já se orgulha de possuir a primeira vinha, a do Poceirão, que tem sido objeto de entusiásticas apreciações de nacionaes e de estrangeiros.

Está, como já disse, prestes a concluir entre nós a safra da preciosa azeitona, da qual, precisamente um terço, tem sido enviada para a praça. A restante é aqui transformada em finissimo oleo



As varejadoras depois do trabalho

que pena é não ser trabalhado em aperfeiçoados lagares e pelo modernissimo sistema Acapulco. São variadas as fórmias que n'esta região se empregam para a reprodução da oliveira, e que vão desde o condensado processo da tanxoeira até ao emprego da pequena estaca creada em vaso com escala pela sementeira, que se faz ainda por duas fórmias diversas: quebrando o caroço, ou empregando-o inteiro, sendo no ultimo caso mais morosa a germinação.

Muitos proprietarios importam hoje, em grande quantidade, as plantas de Italia, preferindo a maior parte reproduzir por estaca ou enxertia, as nossas conhecidas castas *Cordovil*, *Bical* e *Galega*.



extensíssimo olival, não é de estranhar que em princípios de 1908 se calculasse a área de olivæes, no continente, em 329:155 hectares.

O distrito que mais concorria para este numero era o de Santarem, que tinha então 75:142 hectares destinados á cultura da oliveira, e, logo a seguir, os de Leiria e Castelo Branco, que possuíam olivæes, respectivamente, n'uma área de 35:240 e 33:968 hectares. Não posso elementos que me possam indicar a área que representarão atualmente todos os olivæes de Portugal. E' de crêr, no entanto, que ela tenha aumentado consideravelmente nos últimos cinco anos, marchando ainda na vanguarda o distrito de Santarem, que muito deve ter aproveitado com as plantações da Companhia das Lezírias. D'ái, a prolongação do aforismo *correr Seca e Meca e olivæes de Santarem...*

Na região ribatejana vae-se pondo de parte o retrogrado sistema do *varejo* para se apanhar a azei-

1—A azeitona caida.

* * *
S a b e n d o - s e
que o nosso paiz,
pelas suas ótimas
condições clima-
tericas, se pode-
ria transformar—
desculpem o de-
vaneio.—n'um



2

2—Escolhendo a azeitona para a praça.

tona, por destruir, geralmente, uma grande parte da colheita seguinte.

Muitos proprietários mandam agora *ripar* as suas arvores por grupos de raparigas que trepam ás oliveiras para apanhar o precioso fruto nos proprios ramos onde se fórma.

Sendo Portugal um paiz agricola mas onde, na opinião de muitos entendidos, pouco se cuida dos interesses agricolas, é para lamentar que a cultura da oliveira se não tenha desenvolvido mais, para não soffermos carestias de azeite como a do ano passado, em que este genero de primeira necessidade chegou a atingir um preço verdadeiramente fabuloso.

Se um hectare comporta geralmente 100 pés de oliveira, e se cada uma d'estas arvores pôde produzir, em media, 10 kilogramas de azeitona, calcule-se a ri-



- 1—Uma oliveira carregada: sobre os ramos a mulher colhendo os frutos.
 - 2—O negociante sr. José Salgado, pedindo notícias do seu rancho.
 - 3—Outra varejadora.
- (Clichés do sr. J. Coutinho, de Vila Franca de Xira).

queza que Portugal podia ter anualmente na produção dos seus olivaeis! ...

Quando fruirá o nosso paiz a parcela de felicidade a que tem direito, pela doçura do seu clima, pela fertilidade da sua terra?

Vila Franca, novembro de 1912.

F. DOS REIS SOUSA.

O concurso hípico internacional em Lourenço Marques



1—Os objetos que foram disputados
pelos cavaleiros.

Alguns officiaes inglezes da guarnição do Transwaal foram a Lourenço Marques tomar parte com os seus cavalos no concurso hípico internacional que ali se realisou e que tanto da parte dos cavaleiros portuguezes como dos estrangeiros teve um grande realce e um enorme brilho.

Sobretudo o aspéto do campo era interessantissimo, elegante a assistencia, tendo comparecido no hipodromo, a seguirem com entusiasmo as varias peripecias das corridas, senhoras das primeiras familias da colonia. Outras diversões se vão realizar, nas quaes tomarão parte officiaes dos dois paizes n'uma estreita camaradagem.



2—Na praia da Polana. A banda dos Royal Dragons do Transwaal tocando no coreto durante os festejos do concurso internacional hípico—(Clichés dos srs. Amaral & C.^a oferecidos a Illustração)

UMA PROCISSÃO DE BANIANES EM LOURENÇO MARQUES

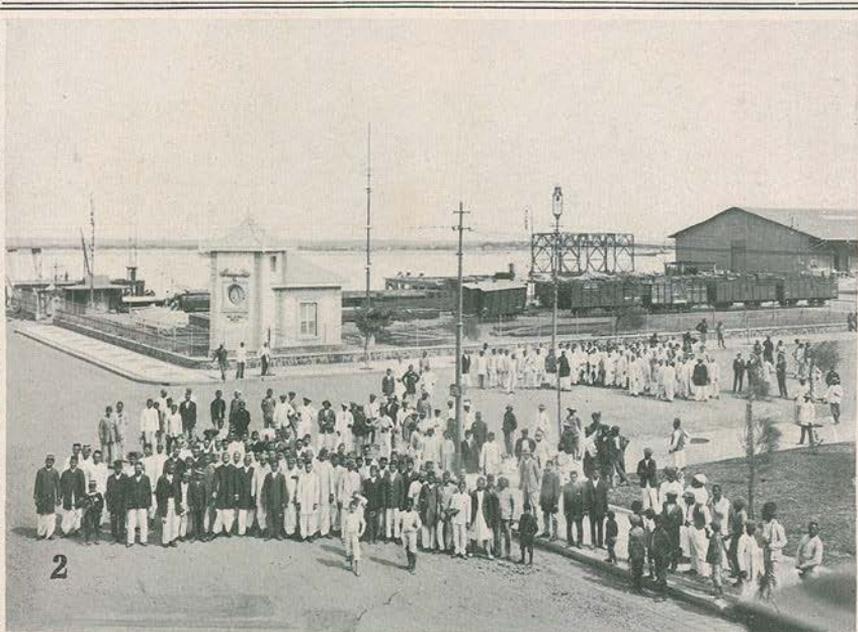


Os banianes são uma seita religiosa que tem o culto de Vichnu, originária de Guzarate, mas cuja ação comercial se estende por toda a Asia e Atrica com um grande sucesso.

São eles os mercadores, os negociantes, os mais ricos e mais ousados como os judeus na Europa e os armenios na

Asia; protegem-se entre si, lutam e vencem a ponto da sua designação já se estender a todos os mercadores felizes d'aquelas regiões.

Os residentes em Lourenço Marques realizaram uma procissão em que todos tomaram parte e que se revestiu d'uma grande imponencia.



1—A procissão na ponte da Capitania. 2—A passagem na Avenida Cândido dos Reis.
(Clichés dos srs. Amaral & C.º)

FIGURAS E FACTOS

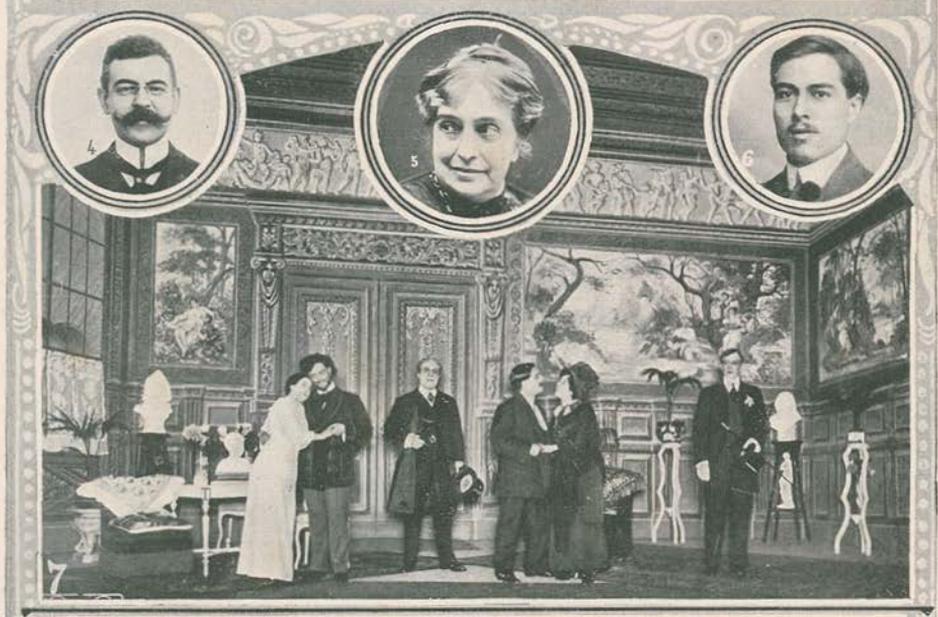


2— Sr. Manuel Braamcamp Freire, barão d'Almeirim, falecido em Pombalinho.

1—O revolucionario Santos Belem, um dos principaes no assaio do quartel de infantaria 16, em 3 de outubro de 1911.

Falecen em 19 de novembro o barão d'Almeirim pertencente á nobre familia Braamcamp Freire e que foi um devotado amigo dos pobres.

3—Dr. Oliveira Lima, ministro do Brazil em Bruxelas, e que foi alvo d'uma manifestação da colonia portugueza na California, ao realisar uma serie de conferencias na Universidade de Stranford



4—Melo Barreto, tradutor da «Menina do Chocolate». 5—A grande atriz Lucinda Simões, ensaiadora do Ginasio. 6—O cenografo sr. José Mergulhão, que pintou o cenário da «Menina do Chocolate». 7— Um quadro da «Menina do Chocolate» traduzida por Melo Barreto, em cena no Ginasio.